

## CARTILHA DO GURI: UMA ANÁLISE DESCRITIVA

MARÍLIA MÜLLER DOS SANTOS<sup>1</sup>; ELIANE PERES<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - marilia.muller@outlook.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - eteperes@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e descrever um livro para ensino da leitura e da escrita produzido no Rio Grande do Sul na década de 1960. Trata-se da “Cartilha do Guri”. O trabalho se insere no campo da história da alfabetização e a pesquisa está sendo realizada no Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES/FaE/UFPel).

A análise baseia-se principalmente nos estudos de MUNAKATA (2012), MORTATTI (2006), FRADE (2007) e PERES e RAMIL (2015), PERES (2014; 2012). Compreendemos que o trabalho traz contribuições importantes para a compreensão da história da alfabetização, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, durante os anos de 1940 e final de 1970, período de grande circulação de livros didáticos produzidos por autores gaúchos, especialmente por professoras do ensino primário (PERES, 2014; PERES, 2012).

Os debates acerca dos métodos de alfabetização estão em evidência principalmente desde que a escola tornou-se “popular”, ou seja, para todos, em meados do século XIX. A partir disto começou uma discussão mais acirrada em relação as melhores estratégias “para ensinar a todos, num mesmo espaço e tempo” (FRADE, 2007, p. 22). Tensas disputas na área se relacionam com antigas e novas explicações para a dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever (MORTATTI, 2006). Tendo em vista as disputas pela hegemonia de determinados métodos de alfabetização é preciso considerar

[...] o papel desempenhado pelas cartilhas, que, dada sua condição de instrumento privilegiado de concretização dos métodos e conteúdos de ensino, permanecem no tempo e permitem recuperar aspectos importantes dessa história, contribuindo significativamente para a criação de uma cultura escolar e para a transmissão da(s) tradição(ões). (MORTATTI, 2006, p.4).

Os métodos para ensino da leitura e da escrita dividem-se em sintéticos e analíticos (MORTATTI, 2006; FRADE, 2007). Os métodos sintéticos partem das partes para o todo, podendo ser *alfabético*, parte das letras, *fônico*, parte dos fonemas, *silábico*, parte das sílabas. Os métodos analíticos partem do todo para as partes, sendo que o todo pode ser a palavra, a frase ou texto, de acordo com o método utilizado: *palavração*, *sentenciação* e *de contos/historietas*, respectivamente. Ainda em relação aos métodos de alfabetização, PERES (2014) apresenta em seus estudos um método adaptado do método da *word-perception* ou *word-recognition*, de origem norte americana. Neste método a palavra é a primeira unidade de percepção das crianças no processo de alfabetização, sendo que, após a aprendizagem das palavras são introduzidas frases e historietas (PERES, 2014). Compreender isso é importante uma vez que a Cartilha do Guri foi caracterizado pela autora como tendo sido produzida com base no método da *word-perception* ou *word-recognition* (PERES, 2014).

## 2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de uma análise descritiva da oitava edição da Cartilha do Guri, produzida no ano de 1969 com um número total de 64 páginas. A análise foi focada nas imagens e nos aspectos metodológicos da cartilha. Esses aspectos, as imagens e a abordagem metodológica representam mais do que um método de ensino que foi adaptado do pensamento pedagógico norte-americano. Segundo Peres (2014), eles representam também uma forma de controle social e de disseminação de valores apregoados na sociedade dos anos 60.

Para desenvolver o estudo, as imagens da cartilha foram digitalizadas e os textos estudados um a um.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Cartilha do Guri é uma publicação da Editora Tabajara e tem como coautores três professores: Elbio N. Gonzales, Rosa M. Ruschel e Flavia E. Braun; e como ilustradora Helga Trein.

Os personagens principais da cartilha são o menino Olavo e a menina Élide, os pais que são identificados apenas por “mamãe e papai”; em um dos textos se faz referência também ao Ênio, “mano” da Élide.

A capa da edição de 1962<sup>1</sup> apresenta um menino sentado em uma cerca de madeira lendo um jornal, sendo no fundo a imagem de um campo. Já na edição analisada a capa repete a imagem no menino lendo sentado na cerca, porém, o vasto campo foi substituído por um imóvel e por uma vegetação diversa. O imóvel se assemelha aos prédios escolares propostos e construídos no período do Governo do Brizola (1959 – 1963), as chamadas “brizoletas”. Tudo indica que a capa seja uma referência a estes prédios escolares da época.

Na apresentação da cartilha feita pelos autores há o relato de que há diferentes cartilhas, algumas boas e outras más, e que a Cartilha do Guri é uma cartilha destinada a um determinado público, tanto o aluno quanto o professor. Definem também que “essa cartilha é uma espécie de resposta a uma realidade”, podendo ser reconstruída e aperfeiçoada. Com a intenção de colaborar com a solução do problema da aprendizagem da leitura e da escrita e também com a “libertação do homem”, os autores adotaram, segundo eles, simplicidade e realismo para “acondicionar os princípios psicológicos, pedagógicos e didáticos a uma mesma situação sociológica concreta”. Evitando o sistema mecânico sem precisar fazer usos de sistemas “por demais evoluídos, inacessíveis a nossa realidade” (GONZALES, RUSCHEL e BRAUN, 1969, p.2).

Na apresentação, os autores afirmam que a cartilha foi feita para uma realidade específica, porém, não explicitam a qual realidade se refere. A partir de uma análise das ilustrações da cartilha, é possível afirmar que o público alvo deste livro didático seriam especialmente alunos moradores da zona rural, pois todas as imagens se referem a esta realidade. Percebe-se que houve uma preocupação dos autores com a contextualização do ensino, a fim de facilitar a aprendizagem a partir de uma abordagem significativa para os alunos. As imagens da cartilha apresentam as residências e a escola sempre em ambientes do campo, cercadas por árvores e campos, característica da zona rural.

<sup>1</sup> Capa da edição de 1962 disponível em:

[http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/cartilhas\\_imagens/guri\\_1.htm](http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/cartilhas_imagens/guri_1.htm)

O trabalho do homem é representado pelo trator, enxada, carroça, pela roça e pelo galpão. Já o trabalho da mulher pelo cultivo da horta e pelas atividades domésticas. Outro fator característico da zona rural é a diversidade de animais, o que também é retratado nas ilustrações da cartilha, através de histórias que se referem a galinhas, porcos, patas, zebus, diferentes pássaros, ovelhas, entre outros. A cartilha utiliza, basicamente, três cores em suas ilustrações: vermelho, verde e laranja, e conforme Peres (2014), provavelmente remete-se as cores que representam o estado do Rio Grande do Sul.

O método de alfabetização utilizado é o Método de Palavras Geradoras, conforme está escrito no próprio livro didático. Em relação à forma como o conhecimento foi apresentado aos alunos tem-se que: cada palavra isolada, frase ou texto é representado por uma imagem. Inicialmente são apresentadas 23 palavras: os personagens e alguns objetos do contexto rural, ou seja, substantivos. Após o reconhecimento destas palavras, os autores partem para pequenas historietas contextualizadas com a vida no campo. Nas primeiras seis historietas foram utilizados, além dos substantivos apresentados no primeiro momento da aprendizagem, alguns verbos e artigos. Da sétima historieta em diante começam a serem incluídas diversas novas palavras. Na página 40 há a imagem de oito animais diferentes e o texto, ao lado de cada animal, se refere ao som que eles emitem. Dando continuidade, nas páginas 41 a 49 são apresentados textos que, de uma página para outra, evoluem em complexidade e aumentam de tamanho, sempre com ilustrações representando o texto. A metodologia utilizada pelos autores caracteriza aquilo que Peres (2014) identificou como *word-perception* ou *word-recognition*. No final, o alfabeto é apresentado em letras maiúsculas e minúsculas.

Segundo PERES (2014), “acerca do método da *word-recognition* a orientação dos teóricos americanos era que as unidades maiores (frases e historietas) deveriam ser introduzidas logo que o aluno fosse capaz de lidar com as palavras”. Na Cartilha do Guri percebe-se esta relação de influência do pensamento norte americano, pois a palavra é o primeiro contato do aluno com o mundo da leitura e da escrita, que posteriormente passa a ser as historietas contextualizadas. Apesar da influência do método americano na cartilha descrita, percebe-se que o método foi adaptado às condições de mercado do livro didático na época em que foi produzido. As adaptações do método estão claramente explicadas nos estudos de PERES (2014).

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da análise da 8ª edição da Cartilha do Guri, produzida no ano de 1969, foi concluído que os autores adotaram um método diferenciado dos demais métodos comumente utilizados na época, sob influência do pensamento americano (PERES, 2014), e que existia uma preocupação dos autores em contextualizar as atividades com a vida dos alunos, sendo que a Cartilha parece ter sido elaborada para um mercado de escolas da zona rural. Além de um método de alfabetização, está presente na cartilha uma representação cultural característica da época e do público alvo, onde na família da zona rural o pai trabalha na lavoura enquanto a mãe seria responsável pelos afazeres domésticos e pelas atividades em torno da casa (cuidados com a horta, por exemplo).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRADE, I. C. A. da S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectiva históricas e desafios atuais. **Revista Santa Maria.** Santa Maria/RS. v. 32. n. 01. P. 21-40. 2007.

GONZALES, E. N., RUSCHEL, R. M. e BRAUN, F. E. **Cartilha do Guri.** 8º Ed. Tabajara. Porto Alegre/RS. 1969.

MORTATTI, M. R. L. História dos Métodos de Alfabetização no Brasil. **Seminário “Alfabetização e letramento em debate”** /MEC. Brasília. 27/04/2006.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Rev. Brasileira de História da Educação.** Campinas/SP. v.12, n. 3(30), p. 179-197, set./dez. 2012.

PERES, E.; RAMIL, C.A. Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940-1980). **Revista Brasileira de Alfabetização.** v. 1. n. 1. p. 177-203. Jan./jun. 2015.

PERES. E. Influências do Pensamento Norte-Americano na Produção de Cartilhas para o Ensino da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Sul na Década de 1960. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Aves da Silva. (Org.). **História do Ensino de Leitura e Escrita. Métodos e Material Didático.** 1ed. Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2014, v. 1, p. 93-120.

PERES, E. A produção sobre História da Alfabetização no Rio Grande do Sul: as contribuições do Grupo de Pesquisa HISALES (FaE/UFPEL). In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história.** 2ed. Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2012. p. 243-263.